

XILO PORQUE QUI-LO*
15 Anos do Ateliê de Xilogravura da UnB
ensino . pesquisa . extensão

orientação

Stella Maris de Figueiredo Bertinazzo

curadoria

Célia Corsino

projeto gráfico

Célia Matsunaga

fotos

Marcelo Feijó e André Abrão

**título de uma reportagem de
Fernando Molina sobre
o Ateliê de Xilogravura
do Núcleo de Gravura da UnB*

Ateliê de Xilogravura
Núcleo de Gravura
Departamento de Artes Visuais
Instituto de Artes
Universidade de Brasília

VI ENCONTRO NACIONAL DA ANPAP

IV ENCONTRO DOS PROGRAMAS DE
PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTE, HISTÓRIA
DA ARTE E ARQUITETURA

Centro Liza

3ª capa

3ª capa

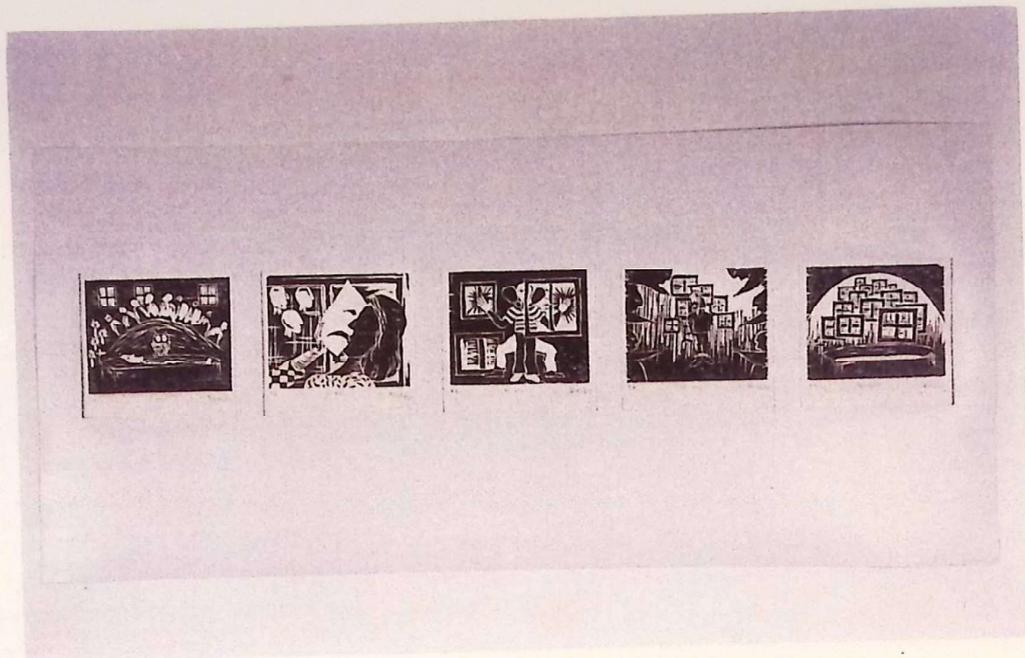


foto 1 ELISA DE SOUZA - 1, 2, 3, 4 atos e desfecho 1980

19 a 30 de setembro de 1994
Instituto de Artes Visuais
Espaço Cultural - UnB Brasília DF
Coquetel de Abertura - 19 de setembro às 19:00 h

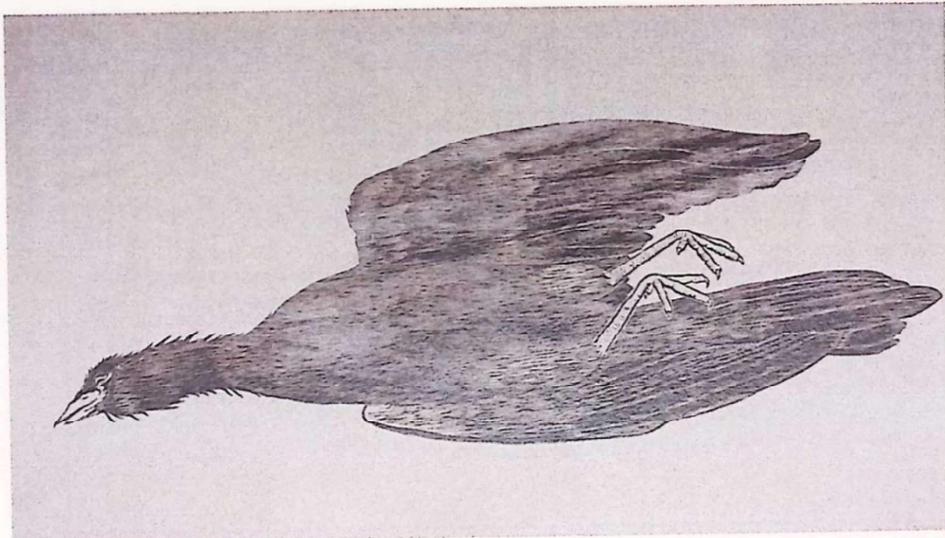
Em recente artigo para a revista "Veja", a propósito da exposição multimídia "Xilogravura, do cordel à galeria", Ângela Pimenta registra esta arguta observação do mestre Lívio Abramo a um aluno hesitante: "Não escave com força. Entalhe com raiva. A xilo é a arte da raiva". "Xilo porque qui-lo" revela determinação semelhante, paixão, também encontrada n'"O Elogio da Xilo" de Haroldo de Campos. **E A COISA AMORÁVEL**, a gravura brasileira, se faz presente no arcano de Goeldi, na sutileza de Abramo, no impacto de Bonomi, na técnica de Isabel, no inaudito de Grassman, nos caracóis de Anna, na sobriedade elegante de Renina, no lirismo refinado de Fayga e Evandro, na força telúrica de Yara Tupynambá, minha mestra. **DEPOIS DELA**, essa arte tão original quanto nosso cinema, nossa música e nossa arquitetura, desvendada para o mundo nos anos '60, seguiu-se, para mim, o contato com a gravura erudita de Ilda Reis, em Portugal, arrojada na incorporação de processos aparentemente incompatíveis com a xilo e a experiência única do *ukiyo-ê*, no Japão, coado pela contemporaneidade de Tetsuya Noda, seu maior intérprete e meu orientador. **DANDO CONTINUIDADE**, experiência em Nova York com Bill Padden e Krishna Reddy (fundador do Atelier 17, em Paris), entre '84 e '85. **QUINZE ANOS** representam três lustros, 180 meses, 782 semanas, 5475 dias, tempo suficiente para passar da admiração dos mestres à dos meus próprios alunos. **SÃO** médicos, engenheiros, psicólogos, músicos, advogados, etc que se tornaram gravadores; ex-alunos que se tornaram colegas; ex-alunos que se tornaram artistas da cidade e do mundo. **FORAM QUASE** trinta cursos de extensão, sendo o último "Evandro Carlos Jardim no IdA" e mais de cinquenta eventos e exposições, inclusive no exterior: Japão, Itália, Espanha, Estados Unidos, Canadá e Guiana Inglesa. **ORIENTAR**, dividindo os resultados, trouxe multiplicação. A gravura entendida como um ato associativo tal qual chupar jaboticaba no pé: preto e branco e a mesma doçura. **DESTA POSTURA** resultou o evento "A xilo nos ares", onde o poético e o lúdico da pipa - e não a sua monumentalidade, como no oriente - foram explorados como suportes para a xilo. **BRASÍLIA** é a cidade-céu. E é cosmopolita. As pipas se apatriaram na procedência dos alunos, ora remetendo a uma iconografia mesopotâmica, nas magníficas xilopipas de Farah Naimi, ora ao geometrismo africano e indígena de Serighe, ora ao traço caligráfico da psicóloga Cherry Watanabe. E foram voar vitoriosas nos céus do Ottawa e Georgetown, já pipa-piloto. **NOS EX-LIBRIS**, o apelo do resgate e do difícil/fácil do pequeno formato, tão bem resolvido no monocromismo expressivo e elegante de Alexandre Ricciardi e no colorido singelo de Mereli Mello. **○ BRASIL** é um país que tem madeira no nome e cordel nas veias. E o cerrado é "fonte geradora de imagens", presença, inda que rarefeita, entre as quadras e construções brasilienses, celebração da diferença entre uma gravura do centro-oeste e aquela, por exemplo, paulista, tensionada entre o construtivismo mais rigoroso e o gestual urbano do grafitti, quase espontâneo. **A CIDADE/CÉU/CERRADO**, repercute nas pesquisas do Ateliê, na série "Terra Brasilis", no colorismo ensolarado (ou enluarado) de Terezinha Pícoli, é referência ao esmero formal de Delamar Monteiro e alimento da imaginação de Otília Magalhães. **MERCÊS DE CASTRO** deconstrói e amplia a vida secreta do cerrado. Como fruto maduro e agreste está pronta para seguir a carreira que escolheu e pela qual lutou, a de bacharelada em gravura, a primeira. **○ EMBATE** da contemporaneidade é o traço mais marcante da jovem gravura de Alexandra Gruginski e de Joana Nóbrega. Acrescido da inquietação formal de Patrícia Faria e da indagação psicológica de Gisel Caconde e de Martha Penner, temos aí descortinado um instigante panorama para a gravura emergente. **DOS EX-ALUNOS**, alguns aconteceram brevemente mas, como cometas, deixaram um rastro luminoso e trazem a xilo incorporada indelevelmente à sua obra de artista e/ou de professor, como Elisa de Souza, Andrea Sá, Márcio Baeta, Anna de Camillis, Pulika, Leonardo Salviano, Marcelo Terraza, Cecília Eiko, M. Luiza Taunay e Rose Frajmund. **OUTROS** foram realmente para longe: Anna Mello atrás de um inegável e precoce japonismo e Tita do Rêgo Silva levando para a Alemanha a pujança de sua multiracialidade, para lá vencer como gravadora original e participante. **○ TEMPO É CRUEL** e apaga a memória de tantos outros. Mas não a emoção de poder afirmar, como Herculano de Freitas: "Arte não se ensina, mas tem uns que aprendem".

Stella Maris de Figueiredo Bertinazzo

Brasília, agosto/94



X



X

foto 2 LEONARDO SALVIANO
Requiescant! ...
1980

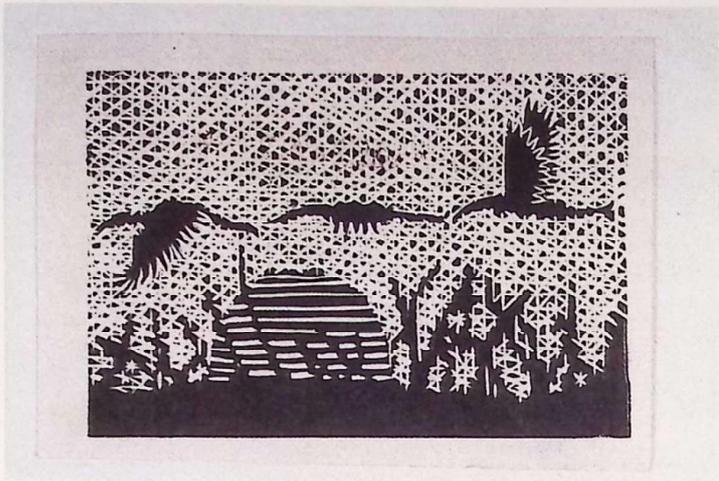
foto 3 ANDRÉA SÁ
S/Título
1986

CERTAS EXPRESSÕES ESTÉTICAS conseguem singrar os tempos da história da humanidade e permanecer vivas e apaixonantes, talvez porque constituem categorias bastante específicas da necessidade subjetiva de representar o mundo. É o caso da xilogravura que, no presente momento, consegue manter seu lugar até mesmo nos ambientes acadêmicos, garantindo o seu espaço ao lado de manifestações tão avançadas como a computação gráfica, a videografia, a infoestética. É o que concretamente ocorre no contexto do Instituto de Artes (IdA) da Universidade de Brasília(UnB). **TÃO ANTIGA QUANTO** a idéia de se imprimir sobre o papel, a xilogravura se mantém entre os **media**, a despeito do reconhecido **massageamento** que as novas linguagens exercem sobre a percepção do homem moderno e pós-moderno. O meio é a mensagem, dizia McLuhan. Mas o meio é também a **mensagem** que ele exerce pela sua influência tátil. Atualmente, fala-se até em efeito **zapping**, tal o condicionamento que o controle remoto impõe aos seus usuários, numa época em que as mãos executam maquinicamente um **zap-zap** para a troca de canais, avanços, retrocessos e programações específicas. O olhar de hoje acostumou-se de tal forma a recursos como o **replay** que, quando vemos uma partida de futebol ao vivo, ficamos frustrados por não poder voltar a cena e fruir em câmara lenta a estética do gol. Semelhante habituação espetacular nos faz, por vezes, querer ilusoriamente que a vida passe a ter a sintaxe do **clip**. Seria o máximo poder visualizar o mundo num enquadramento de vídeo e dar-lhe o ritmo instantâneo e alternado das montagens televisivas, com se pudéssemos explodir a linearidade seqüencial do tempo e dos espaços, podendo, ao nosso bel prazer, entremear passado, presente e futuro. **EM MEIO A ESSA CORNUCÓPIA** caleidoscópica patrocinada pelo tubo de imagens, há ainda, na sensibilidade humana, receptividade e fruição para universos estéticos e táteis como o da xilogravura. E é curioso que numa época em que a reproduzibilidade da obra de arte tenha se extremado de tal maneira que não se consegue nem mais controlar a pirataria de imagens, um trabalho que sabemos tenha sido elaborado manual e lentamente possa nos ater, entreter e despertar o desejo de posse, maneira de perenizar uma imagem exterior que reflete algo da nossa **imago** interior e - mais do que subjetiva - , inconsciente. Isso, sem levar em conta o 'luxo' de ainda podermos ter conosco uma peça, senão única, pelo menos de reprodução limitadíssima, quase inconcebível numa era de consumo industrial, eletrônico e massivo. **ORA**, num tempo em que é possível construir virtualmente **realidades**, como no caso da holografia e do raio lazer, o que nos detém perante uma simples gravura impressa a partir de uma matriz em madeira? Possivelmente um sentimento da realidade que nos torna mais próximo de nós mesmos, como se ainda pudéssemos nos resgatar intimamente - conosco e com mundo - antes de sermos detonados de vez e inexoravelmente para o primado do simulacro. **MADERA, MAIS** do que nunca, tem algo de nós mesmos, como se essa matéria tão vulnerável e tangível retratasse por especularização uma solidariedade para com o nosso próprio desaparecimento. Lembrome das palavras de um crítico que, certa vez, disse: "Nós amamos aquilo que vai morrer". Hoje convivemos com a madeira como se ela já fosse um ex-voto, ainda que na sua existência lenhosa e plena de seiva. **É CLARO QUE EXISTE** toda uma historiografia a dar conta do quanto a xilogravura impregnou e esteve prege da cultura humana ao longo dos séculos. Houve momentos em que o seu apogeu enquanto artefato e artifício, tanto quanto nos deixamos cair o queixo frente às maravilhas tecnológicas de hoje. Houve momentos de grandeza intencional enquanto arte, como na fase expressionista. Mas hoje, qual a compreensão do mundo que singularmente só pode ser obtida através da xilogravura? Possivelmente este sentimento do mundo que nos impele de volta a uma recontextualização interior, subjetiva e poética. Uma dimensão que clama pela nossa sensibilidade, para que ela não se perca das suas noções mais fundamentais, entre elas, a de que existe, na ordem natural das coisas, um princípio homeostático de vida e solidariedade. **HÁ, CERTAMENTE**, algo próprio e imanente na linguagem artística de cada **meio**, até mesmo porque nas transcódificações sempre há um resíduo entrópico de perda. Esta é a razão pela qual, muitas vezes, um artista se sente embaraçado ao tentar responder à ingênua pergunta sobre a sua preferência, por exemplo, pela xilogravura. Certamente, porque há entonações e epifanias que só se permitem dentro de uma especificidade. Às vezes surgem respostas que orientam diretamente para o sensorial: porque madeira tem vida, gosto, cheiro, sensações táteis. Às vezes, responde simplesmente a estética do silêncio, do olhar e do sentir. Resta o simbólico, que é feito de imagens.

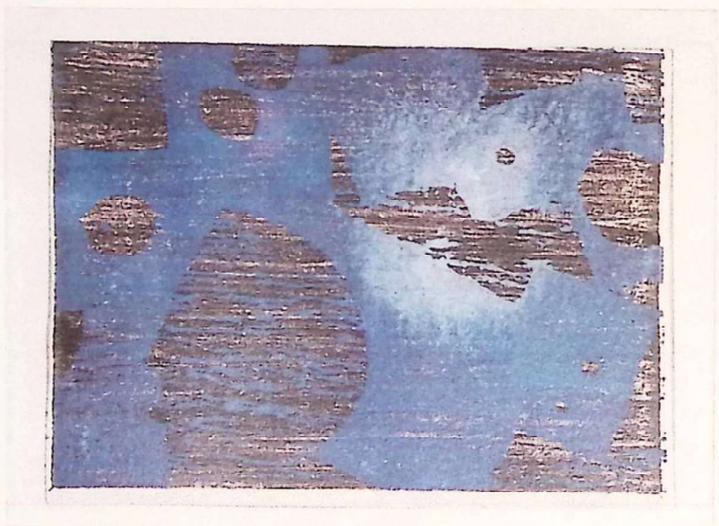
LUIS MARTINS

Jornalista e Professor da Faculdade de Comunicação da UnB
Brasília, Dezembro de 1990

4



5



O ateliê da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, que dirigi nos anos 60/70, foi um celeiro de jovens gravadores que vêm, até hoje, conservando a difícil tradição da gravura em madeira. **EDITANDO ÁLBUNS**, participando de salões, organizando mostras individuais, implantando a xilogravura nos Festivais de Ouro Preto, o Ateliê promoveu um amplo desenvolvimento daquela herança que Goeldi me passara, como meu professor na Escola Nacional no Rio: a compreensão do preto/branco e o entendimento de que a xilo tem uma linguagem própria, advinda mesmo das características específicas do suporte. Entre meus alunos desse período, destacava-se Stella Maris de Figueiredo, com propostas inovadoras para a época: a quebra dos limites da madeira, a repetição do módulo e a soma da impressão de outros materiais conjugados à madeira. **SEMPRE NA BUSCA** do novo, Stella retorna à xilo, depois de longo período de estudos na Europa e então pode desempenhar seu papel de mestra, junto aos seus alunos na Universidade de Brasília. **PENEIRAS**, bastidores, papagaios de papel, edições de calendários anuais, em tudo perpassa sua vontade de extrapolar os limites da sala de aula e de se integrar no meio social, dando à gravura uma conotação de arte viva. Assim, à corrente que veio de Goeldi e passou tão marcantemente em Minas, acrescenta-se novo elo, agora vindo de Brasília, provando que em Arte, antes de tudo, o que há é uma grande herança que passa de artista a artista, atravessando o tempo e mostrando a perenidade desta grande manifestação de sensibilidade e da inteligência humana.

pg. 7

4
foto 4 MARCELO TERRAZA
S/ Título
1980

5
foto 5 CECÍLIA EIKO
Passeio Flutuante
1993

Yara Tupinamba
Artista Plástica e Professora da Escola de Belas Artes da UFMG
Agosto, 1994

6

É admirável pensar que a gravura em madeira (xilogravura), o meio mais antigo de reprodução gráfica conhecido no ocidente e o primeiro a ser utilizado para a transmissão de informações generalizadas em ampla escala, tenha preservado ainda em nossos dias a qualidade de apresentação de uma determinada imagem de forma direta e deliberada. **TAL ASPECTO**, verificado mesmo no trabalho de corte dos "formschneiders" (gravadores ou entalhadores responsáveis pela precisa tradução do desenho do artista no séc. XVI), permaneceu praticamente inalterado diante das diversas práticas que, sucessivamente, se deram ao longo dos séculos, tanto no ocidente como no oriente. A especificidade da xilogravura, emergente simultaneamente das possibilidades de corte da matéria, assim como da impressão do relevo resultante, perfaz a sua existência para além dos limites meramente artesanais ou referentes às regras de ofício. **ANTES**, é justamente de uma disciplina mental tão necessária ao empreendimento deste fazer artístico que se insurgem ou ressurgem práticas de escopo variado: a experimentação de novos materiais, a busca pela superação da linguagem, a revitalização de técnicas tradicionais, a documentação iconográfica, a relação com as mídias eletrônicas, etc. **NESSSE SENTIDO**, a pesquisa histórico-artística passou a constituir um instrumento capaz de fazer interagir estas diversas formas de produção (poéticas) e suas respectivas qualidades sincrônicas. A nucle-ação ou condensação dessas qualidades tem se transformado em boa estratégia para o relacionamento tão estreito, em nossos dias, do artista com o conhecimento acadêmico. **NO MUNDO TODO**, cada vez mais, centros ou núcleos de arte têm sido abertos em universidades como forma de manter viva uma determinada espécie de saber que se justapõe, mas também difere das demais, pela natureza de sua manifestação. Nesse âmbito, a gravura em geral e a gravura em madeira, em particular, reafirmam-se potencialmente como um elemento mediador entre artista e realidade, realidade e instituição, instituição e público; um meio, enfim, apto a muitas e complexas abordagens, mas prioritariamente à deflagração de seu próprio sentido.

Luiz Armando Bagolin

Gravador, Crítico de Arte e Professor da ECA/USP
Agosto de 1994



p/ps. 6 →

6
foto 6 MERCÊS DE CASTRO
Injúria Arquitetônica
1993

→

7
foto 7 TEREZINHA PÍCOLI
Oasiano
1993

STELLA MARIS: ARTE, ENSINO E PESQUISA

A expo em questão propõe desvelar um quase sacerdócio criativo, experimental e docente de uma mineira que ultrapassou fronteiras em busca do fazer artístico e do conhecimento aprofundado da xilogravura. Há quinze anos, Stella Maris e seus discípulos (da Universidade de Brasília e da comunidade externa) têm ido além das tradicionais gravuras expressionistas em preto e branco, colocando a problemática da cor como paradigma e incógnita constantes. Saltando da admiração à pioneiros como H. Fleiuss, José Vilas-Boas e Manuel Pinheiro para o estudo persistente dos grandes Goeldi, Livio Abramo, L Segall, Poty, Samico, entre outros não menos importantes, a artista-professora conseguiu um trabalho "unique" ao experimentar e realizar xilos que vão da simplicidade do cordel à sofisticação do Ukiyo-ê japonês (antiga técnica de arte popular dos séculos XVII a XIX). Na verdade uma tentativa nobre de resgate da xilo brasileira de nosso século sem dogmatismos xenófobos. Até porque, seu currículo registra além do Bacharelado em Artes, Mestrado na New York University, bolsa da Fundação Gulbenkian em Portugal, da Japan Foundation e CAPES no Japão (Tóquio), e do CNPq nos EUA e Itália, além de viagens ao Canadá e às Guianas onde apresentou trabalhos coletivos das obras "A Xilo nos Ares". **SÃO QUINZE ANOS** de estudo e ensino, de experiências em grupo, de pesquisa teórica e prática, onde seus alunos até produzem seus próprios materiais. Uma verdadeira "resistência", com poucos recursos, espaço exíguo mas sobretudo amor a esta arte cuja importância em si mesma e para as outras tem sido fundamental. Stella Maris revela aqui, com seus alunos, todos esses anos do fazer artístico em imagens "gravadas e poéticas" com temas que variam da prática de materiais não-convencionais à recuperação de técnicas em desuso, da arte do cordel candango ao resgate do "ex-libris" e à adaptação da xilo Ukiyo-ê. A essa arte maior do fazer-ensinando, resta nosso aplauso. Ao resultado, de resto, nossa "aesthesia" e fruição gratificante.

Orlando Luiz

Designer, Escultor e Professor Titular da UnB (Departamento de Artes Visuais)
Brasília, agosto/1994

Conheci Stella Maris em 1979, quando ela ingressou no então Departamento de Desenho como professora. Desde esta época, inúmeras têm sido as ocasiões em que ela apresentou resultados surpreendentes. Lembro-me de um dia ensolarado, quando pipas flutuavam no ar, apresentando imagens xilogravadas.

Depois os calendários, expostos por várias dependências da Universidade, uma espécie de tradição das comemorações natalinas, mostrando impressões de extremo rigor e relembrando a riqueza da cultura brasileira ou desta incomparável fauna.

As exposições e os alunos que ela preparou, bem como os prêmios conquistados, muitas vezes acompanhavam estes acontecimentos.

Finalmente, apareceram os "ex-libris", como que para testemunhar com mais exatidão a competência do Ateliê de Xilogravura, por ela orientado.

LYGIA SABÓIA DE FREITAS

Gravadora e Professora do Departamento de Artes Visuais da UnB
Brasília, agosto de 1994



foto 8 PAULO COUTO (PULIKA)
S/ Título
1979



foto 9 ARIEL BERGEMANN DE AGUIAR
Variação IV
1979

Núcleo de Gravura ATELÊ DE XILOGRAVURA

ENSINO

O Ateliê atende às seguintes disciplinas de graduação:
Técnicas de Gravura I
Introdução à Gravura
Ateliê de Gravura I
Ateliê de Gravura IV

PESQUISA

A IMAGEM GRAVADA, POÉTICA
& TECNOLOGIA

Projetos

Suportes e Materiais Alternativos em Xilogravura
Ukiyo-ê, Xilogravura Tradicional Japonesa
Ex-Libris, o Resgate
Terra Brasileis, Levantamento Iconográfico da Fauna e Flora Brasileiras
Expoentes - Monografias sobre Autores
Xilogravura: Recuperação de Técnicas em Desuso
Cordel, Arte Candanga

Fundação Calouste Gulbenkian, Japan Foundation, CNPq, CAPES, Fundação Banco do Brasil, Ministério das Relações Exteriores, Decanato de Pesquisa e Pós-Graduação e Decanato de Extensão da UnB, VARIG, BRB

EXTENSÃO

Ateliê Livre
Ateliê Orientado
Cursos, palestras, workshops

AGRADECIMENTOS

Alcina Ângela Lins Morato
Carolyn Proença
Célia Corsino
Célia Matsunaga
Cláudio Pereira
Cintia Falkenbach
Evandro Carlos Jardim
Maria Luiza Taunay
Miguel Simão
Regina Helena Ferraz Macedo
Roberto B. Cavalcanti
Vicente Martinez
Wagner Barja

APOIO

Gráfica Experimental do VIS/UnB
Oficina de Madeira do VIS/UnB
Departamento de Biologia/UnB

Departamento de Ciências da Informação/UnB
Biblioteca Central da UnB

EQUIPE DE MONTAGEM

Alessandro Silva Barbosa
Cláudio Canarim
Eliane Sueli Silva
Gabriela Pires
Konrad Malinsk
Laudete Vani Balestreri
Léo Socré
Mereli Mello
Raimundo Soares Monteiro
Ramón M. S. da Fonseca
Rui Carvalho do Nascimento
Tatiana Pacheco Cordeiro
Waldemar Alves Cassimiro

LISTA DE PARTICIPANTES

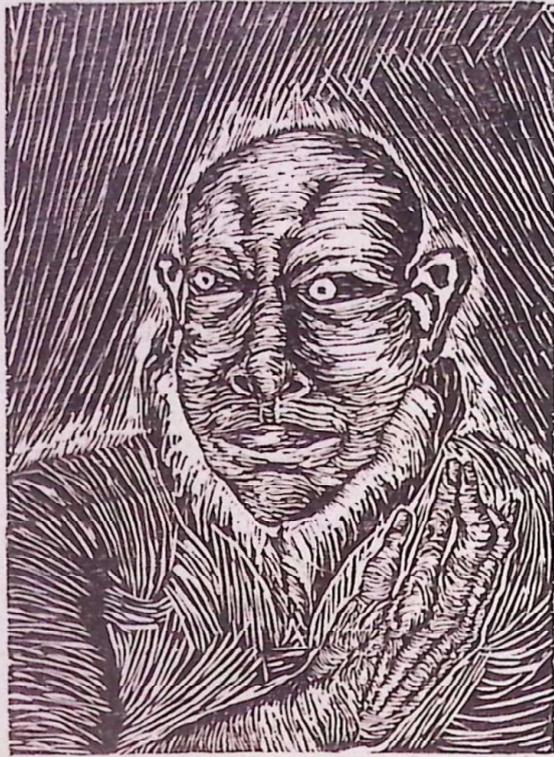
Alda
Alexandra Gruginiski
Amaro José Frelre
Ana de Camillis
Andrea Sá
Ângela M. Raymundo
Anna Mello
Antonio França
Ariel Bergemann de Aguiar
Aymê Barbosa
Beildson Dias
Bernadete Cardoso
Cherry Watanabe
Carla Rocha
Carla Maciel
Carlos Rigotti
Cecilia Elko
Clara Barello
Cleide Frazão
Conceição Scafuto
Creuza Cavallini
Cristiane Guedes
Cristina Carvalheira
Cristina Costa
Cristina Quadra
Daniel Burigo
Delamar Monteiro
Edberto
Elvis Kleber
Elder Rocha Filho
Eleni Amaral
Elisa de Souza
Elizabeth Quadra
Enelda M. Figueiredo
Fátima
Fernando Villar
Flávio Martins
Francisca Ribeiro Cavalcanti
Gemírames
Gerson Oliveira
Giovana de Bem Blanchetti
Gisel Garricande
Gisele
Gisele Alvarenga
Helena Lopes
Humberto Brasilense
Ione Amaral
Iracema Malheiros
Jaqueline Falho
Jaura Rodrigues
Joana Nóbrega
Julliana Pacheco
Keyla Guerreiro Costa

Leonardo Salviano
Lorise Meneghetti
M. Ivânia Alencar
M. da Paz Bezerra
Marcella Ferrelra
Marcelo Terroza
Márcio Baeta
Marcos R. Lima
Maria Luiza Taunay
Maria Ines Araújo Ramos
Martha Penner
Mercês de Castro
Mereli Mello
Moacir
Mônica Venâncio
Nádia
Nelza Maria
Odete
Patrícia Faria
Patrícia Calixto
Paulino Aversa
Paulo Castilho
Perpe Brasil
Piliú
Puilka (Paulo Couto)
Regina Cláudia Gomes
Rosa Kaehler
Rose Fraimund
Roseli Rödel
Rosemary Ayub
Rubens
Serighe
Simone Ribeiro
Stella Maris
Sumiê Iwano
Tânia Araújo
Terezinha Picoll
Tita do Rêgo Silva
Tita Guedes
Valéria Pena Costa
Valmor Borges
Vidalvina
W. Brito
Waldir Vieira

E as crianças, alunas de Terezinha Picoll
Adriano
Guilherme
Jarbas
Nilton
Wellington

PRÓXIMAS EXPOSIÇÕES

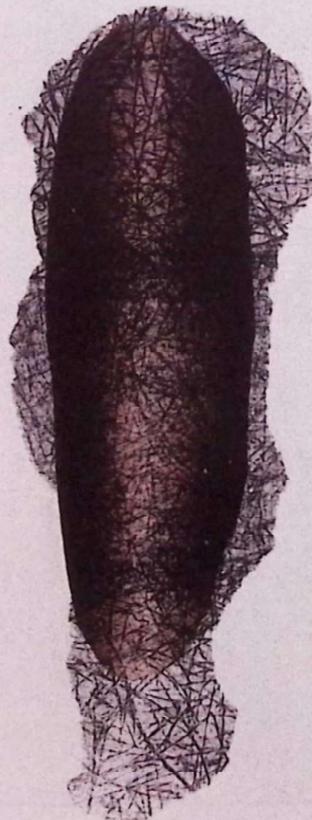
- Espaço Cultural da 508 Sul/ Fundação Cultural - 5 a 16 de outubro/94, DF.
- Ateliê Experimental Francesco Domingo/MAC/USP - 15 a 30 de outubro/94 e março/95.
- Embaixada da Itália, Brasília - outubro/94.
- Feira de Frankfurt, Alemanha, estande da Forum Book Art de Hamburgo - outubro/94.
- Casa da Xilogravura - Campos do Jordão - abril/95.
- Ex-Libris, o Resgate (exposição itinerante), 14ª Coordenação Regional do IBPC, Pirenópolis e Goiás Velho - 1995.

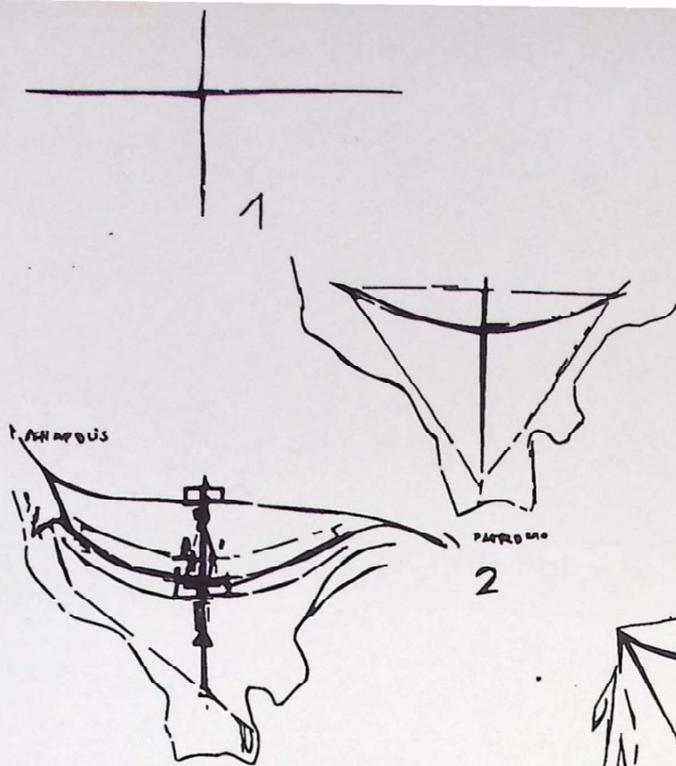


Conceição 110 x 65 80

foto 10 CONCEIÇÃO SCAFUTO
S/Título
1980

foto 11 PATRÍCIA FARIA
S/Título
1992





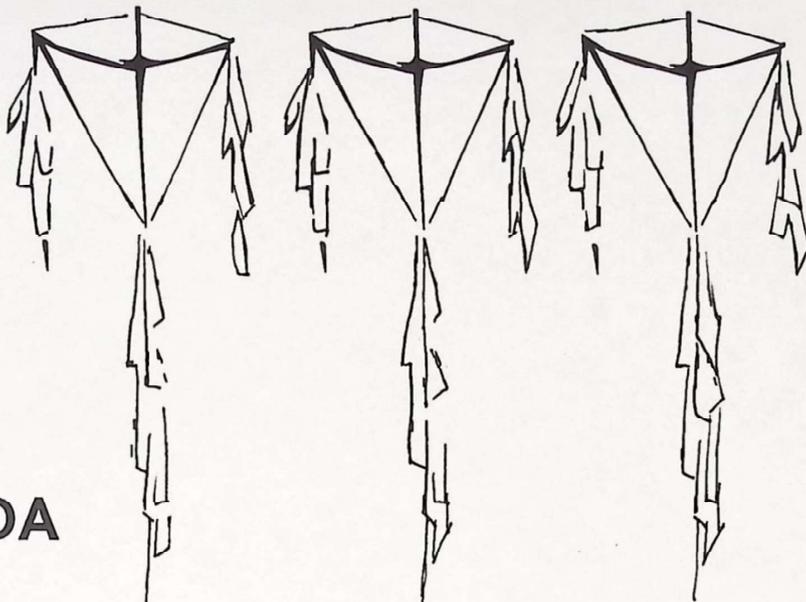
orientação
Stella Maris de Figueiredo Bertinazzo

bolistas
Alexandra Welich Gruginski
Ana Lúcia de Camillis Gil
Cristiane dos Reis Guedes Anacleto
Teresinha Picoli

participantes
Alexandre Riccardi
Delamar Monteiro
Otília de Magalhães Guedes

A IMAGEM GRAVADA

poética e tecnologia



sob este título estão vários projetos que dizem respeito ao resgate de espaços e técnicas e à introdução de novos conhecimentos em gravura.

SUPORTES E MATERIAIS ALTERNATIVOS EM XILOGRAVURA

constitui a linha de pesquisa original atualmente desdobrada nos seguintes projetos:

- Expoentes, monografias sobre autores
- Ukiyo-ê xilogravura tradicional japonesa
- Ex Libris: o resgate
- Terra Brasílis, levantamento iconográfico da fauna e flora brasileiras
- Xilogravura: recuperação de técnicas em desuso
- Cordel, arte candanga

As xilopipas fazem parte deste primeiro momento e surgiram em 1979 transformando-se no evento A XILO NOS ARES, levado a vários países.

Em 1987 nasceu a pipa piloto
Porque Brasília não é um avião,
é uma pipa.
É cidade-céu.

